

(Organizadores)

Renata Mancini
Waldir Beividas
Ivã Carlos Lopes

SEMIÓTICA

horizontes, perspectivas, debates



Todos os direitos desta edição reservados a Pontes Editores Ltda.
Proibida a reprodução total ou parcial em qualquer mídia
sem a autorização escrita da Editora.
Os infratores estão sujeitos às penas da lei.
A Editora não se responsabiliza pelas opiniões emitidas nesta publicação.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo – SP)
Bibliotecário Pedro Anizio Gomes CRB-8/8846

M269s Mancini, Renata; Beividas, Waldir; Lopes, Ivã Carlos (org.).

Semiótica: horizontes, perspectivas, debates /

Organizadores: Renata Mancini, Waldir Beividas e Ivã Carlos Lopes.

1. ed. – Campinas, SP : Pontes Editores, 2024

E-book: 7 Mb; PDF.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-217-0567-3.

1. Análise do Discurso. 2. Estudos Semióticos. 3. Linguística.

I. Título. II. Assunto. III. Organizadores.

Índices para catálogo sistemático:

1. Análise do Discurso. 401.41

2. Linguística. 410

(Organizadores) | **Renata Mancini**
Waldir Bevidas
Ivã Carlos Lopes

SEMIÓTICA

horizontes, perspectivas, debates

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.



Copyright © 2024 – Dos organizadores representante dos autores
Coordenação Editorial: Pontes Editores
Revisão: Organizadores
Diagramação e Capa: Tom Costa

PARECER E REVISÃO POR PARES

Os capítulos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação e revisados por pares.

CONSELHO EDITORIAL:

Angela B. Kleiman

(Unicamp – Campinas)

Clarissa Menezes Jordão

(UFPR – Curitiba)

Edleise Mendes

(UFBA – Salvador)

Eliana Merlin Deganutti de Barros

(UENP – Universidade Estadual do Norte do Paraná)

Eni Puccinelli Orlandi

(Unicamp – Campinas)

Glaís Sales Cordeiro

(Université de Genève – Suisse)

José Carlos Paes de Almeida Filho

(UNB – Brasília)

Rogério Tilio

(UFRJ – Rio de Janeiro)

Suzete Silva

(UEL – Londrina)

Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva

(UFMG – Belo Horizonte)

PONTES EDITORES

Rua Dr. Miguel Penteadó, 1038 – Jd. Chapadão

Campinas – SP – 13070-118

Fone 19 3252.6011

ponteseditores@ponteseditores.com.br

www.ponteseditores.com.br

SUMÁRIO

AS ARTES, A VIDA SOCIAL, A EPISTEMOLOGIA POR UM PRISMA SEMIÓTICO.....7

Ivã Carlos Lopes

1. DISCURSOS INTOLERANTES E DE DESINFORMAÇÃO: QUESTÕES SEMIÓTICAS 20

Diana Luz Pessoa de Barros

2. A ORGANIZAÇÃO SEMÂNTICA DO DISCURSO DA EXTREMA-DIREITA 52

José Luiz Fiorin

3. POR UMA SEMIÓTICA DA JUSTIÇA RESTAURATIVA90

Elizabeth Harkot de La Taille e Sandra Cureau

4. POR UMA SEMIÓTICA DO CORPO..... 112

Antonio Vicente Seraphim Pietroforte

5. MURALISMO URBANO E PRÁTICAS SEMIÓTICAS. O LEITOR, A LEITURA144

Norma Discini (USP)

**6. PRINCÍPIOS SEMIOLOGAIS DA TEORIA SEMIÓTICA COMO
TEORIA DO SENTIDO 176**

Waldir Beividas

**7. DA PROSÓDIA FUNDAMENTAL À PROSÓDIA VOCAL
E VICE-VERSA 203**

Luiz Tatit

**8. O PROCESSO SEMIÓTICO DA HIBRIDIZAÇÃO
DE LINGUAGENS.....235**

Renata Mancini

SOBRE OS AUTORES 261

CAPÍTULO 6

PRINCÍPIOS SEMIOLOGAIS DA TEORIA SEMIÓTICA COMO TEORIA DO SENTIDO

Waldir Beividas
(Universidade de São Paulo)

Quo vadis ?

Preliminares

É difícil estimar as opiniões com que o eventual leitor sairá deste texto caso porventura considere útil acompanhá-lo até o fim. É menor o meu intento de uma investigação aprofundada ou de proposições novas do que o de um balanço das impressões e interpretações que atualmente faço da teoria semiótica europeia, linhagem iniciada em F. de Saussure, avançada por L. Hjelmslev, e estabelecida por A.J. Greimas e alguns de seus discípulos. Certas,

menos certas ou não certas, tais impressões me levam a uma espécie de manifesto ou exposição de um desabafo e lamento pelas direções que a teoria sonhada por esses três grandes pensadores vem tomando nos últimos anos¹.

Se podemos dizer que Praga venceu Copenhague na implantação da fonologia e da linguística mundial – noutros termos, que o substancialismo jakobsoniano e troubetzkoniano do plano da expressão venceu o formalismo hjelmsleviano – também temos de reconhecer que o estruturalismo saussuriano, alavanca que moveu o mundo da semiótica greimasiana, se vê em circunstâncias bastante adversas. Tal nau em mares revoltos, pressinto-a em risco de acabar por soçobrar perante ondas de teorias cognitivistas e neurocientistas que imperam hoje nas ciências, perante ondas das filosofias analíticas e fenomenológicas, todas a disputar a legislação sobre o lugar da linguagem no homem, sobre a natureza e emergência do sentido, à escala humana. Deixemos de lado os animais, superiores, médios e inferiores, e todas as formas de suas vivências.

Os semioticistas, estruturalistas e formalistas, dessa nau, na qual embarquei, não souberam, no meu entendimento, dar-lhe um rumo suficientemente seguro e consistente, tal como projetado na cartografia suíça de navegação, aprumada na Dinamarca e lançada lituanamente em Paris. Vejo essa cartografia da teoria ser pouco a pouco borrada, apagada, rabiscada, mais aqui, menos ali, e a nau estruturalista ser sacudida pelas ondas naturalistas dos cognitivismos e das neurociências a bombordo, pelas filosofias da linguagem, pragmatistas, a estibordo, pelas filosofias fenomenológicas à proa, para apenas me deter nessas pressões mais ostensivas. Para dizê-lo brevemente, agora sem metáforas, a semiótica greimasiana vem cedendo no volume de suas

1 Este texto foi recentemente publicado na revista *Actes sémiotiques* (Bevidas, 2024). É retomado aqui com acréscimos e alterações para servir ao público brasileiro.

concessões e retrocedendo no volume das implicações contidas nos princípios fundamentais pelos quais se implantou no mundo da ciência.

Duas reflexões de Freud me movem nesse entendimento. Primeiramente, retomo uma expressão de seu texto sobre a “Psicanálise das massas e análise do eu”, já adentrando a idade dos 20 anos de sua jovem psicanálise – a considerarmos a *Interpretação dos sonhos* de 1900, como espécie de pia batismal. Diante de protestos que conceitos seus recebiam – na ocorrência, o de “pulsão sexual” – assim se expressa: “não me agrada ceder à pusilanimidade. Nunca se sabe para onde pode alguém ser levado em tal caminho; começa por ceder nas palavras e acaba por vezes em ceder nas coisas (1921, p. 2577).²

Por sua vez, em carta a Jung, de 30 de novembro de 1911, o psicanalista comenta o debate havido na Sociedade de Viena sobre um artigo deste seu então discípulo, texto apresentado por uma jovem psicóloga, chamada Spielrein. Freud assim se expressa: “o que me incomoda mais é que Fraulein Spielrein quer subordinar o material psicológico a considerações biológicas; tal dependência não é mais aceitável do que uma dependência da filosofia, da fisiologia ou da anatomia cerebral”. E arremata com valentia: “a psicanálise *farà da se*”. (1976, p. 532).

Ora, esse gesto de valentia teórica teve em semiótica seu promotor maior, na insistência ativa de Hjelmslev em criar, sob o crivo de uma *hipótese estruturalista*, uma verdadeira *linguística-linguística*, imanente, cuja vocação indicava, a meu ver, exatamente, o horizonte freudiano: *farsi da se*. Ao que parece hoje, estamos à beira de renunciarmos à valentia de Freud e à altivez de Hjelmslev.

2 Em todo este capítulo tomei a meu encargo a tradução de originais em língua estrangeira porventura citados.

Profissões de fé

A expressão latina que utilizo à epígrafe, bem conhecida no universo do cristianismo, é a pergunta de um Pedro, apóstolo amedrontado e fugitivo, que se deparou com a aparição de Cristo: – *quo vadis* “para onde vais?”. Recebe como resposta: – “vou para Roma ser crucificado uma segunda vez”. O apóstolo retoma a coragem e retorna a Roma, onde será depois martirizado e crucificado. As reverberações semânticas da expressão, no universo semiótico das pesquisas, sem pretender relevar a religiosidade de origem, deixo-as ao leitor que eventualmente acompanhar as reflexões e proposições que aqui serão levadas a efeito. Tais reflexões e proposições assustam pela simplicidade, quase trivialidade, mas acarretam estranhas consequências no mundo *sêmio* das pesquisas.

Mantenhamos, por alguns instantes a isotopia da religiosidade, não como propalação, mas como metáfora. Hjelmslev, em sua elegante “Entrevista sobre a teoria da linguagem”, de 1941, evocava o grande linguista Hugo Schuchardt para quem todo homem de ciência, em seus estudos, deveria inserir uma página “que contivesse sua profissão de fé científica” (Hjelmslev, 1985, p. 86). Entendo-o assim: cabe evitar os sempiternos malentendidos que rondam sempiternamente as ideias. Saussure, contemporâneo do linguista citado, já havia sido bem explícito, quem sabe com antecedência, quanto ao conselho de Schuchardt:

Eis aqui nossa profissão de fé em matéria de linguística (...). Em linguística, negamos em princípio *que haja objetos dados*, que haja coisas (...) como se estivessem *dadas por si próprias* (...) porque é apenas o *ponto de vista que faz a coisa*. (Ecrits, p. 201 – itálicos e supressões meus).

Hjelmslev o seguiu quase *à la lettre* em seu texto “Linguística estrutural” de 1948:

Aqui ela [sua linguística estrutural] se opõe a toda hipótese que enuncia ou pressupõe a existência de “fatos” que precedam logicamente as relações que os unem. Nega a existência científica de uma substância absoluta, ou de uma realidade independente das relações. Requer que se definam as grandezas pelas relações, e não inversamente (Hjelmslev, 1991, p. 32).

Por sua vez, são emblemáticas algumas posições de Greimas. Seguem praticamente à risca a profissão de fé dos seus inspiradores e tira dela as consequências : em Cerisy : “o mundo é uma linguagem, e não uma coleção de objetos” (1987, p. 324) ; numa conversação para a revista *Versus* : “a motivação pressupõe o reconhecimento a priori do mundo exterior como coisa, é, pois, um positivismo” (1986, p. 45). Uma dezena de outras formulações congêneres – o mundo como “macrosemiótica”, a postulação de “existência semiótica” para o mundo, formulações bem conhecidas no campo, poderiam todas compor sua “profissão de fé”.

Essa tríade de pensadores desenhou e estabeleceu a teoria semiótica como teoria formalista e imanente do sentido : a língua é forma, não substância, eis o emblema que *institui* em Saussure tal formalismo imanente. Imanência e forma, em Hjelmslev, são levadas *à outrance* como dizem os franceses, isto é, ao limite do quase exagero. Por sua vez, no belo texto que abre *Du sens*, elas definem, em Greimas, a semiótica enquanto tal : “pois, justamente, a forma semiótica não é nada mais nada menos do que o sentido do sentido” (1970, p. 17). Sémir Badir tem disso a leitura escorreita : “observe-se que nesse ‘sentido do sentido’ tem-se a própria linguagem, nada mais nada menos: a linguagem estipula

de maneira *necessária e suficiente* o sentido do sentido” (2010, p. 279 – itálicos meus).

Estamos os semioticistas greimasianos bem cientes das várias críticas e questionamentos recentes do conceito de imanência, intuído em Saussure, radicalizado por Hjelmslev e firmado em teoria por Greimas (e poucos outros de seus seguidores). Tais críticas, no melhor dos casos, *limitam* drasticamente seu alcance e, no pior, a *contestam* cabalmente, por vezes, raivosamente. Mesmo assim, quanto a meu trabalho pessoal mais recente, pode ser dito dele como o de continuar a advogar a legitimidade da manutenção da hipótese de um *formalismo imanente* (forma do conteúdo e forma da expressão) para a teoria semiótica, formalismo entendido não como soluções artificialistas que excluam as substâncias. Um formalismo imanente apenas defende que as substâncias (do conteúdo e da expressão) estão subordinadas, estão sob a dependência das formas. Mais que isso, minha intenção, talvez mais ambiciosa e, por isso, temerária, a depender dos pontos de vista, é fazer subir as propostas imanentes – ou profissões de fé – desse trio pioneiro de construtores da teoria semiótica. É fazê-las subir do patamar de uma ontologia regionalizada – restrita à linguística e à semiótica – para o patamar de uma ontologia de estatuto global, isto é, a proposta de uma *epistemologia discursiva* a estar na fundação de qualquer forma gnoseológica de conhecimento, de concepção, de apercepção e de percepção do mundo.³

3 Essa intenção tomou corpo numa tese de livre-docência (USP) em 2015, posteriormente publicada pela Lambert-Lucas com o título de *La sémiologie de Saussure et la sémiotique de Greimas comme épistémologie discursive* (2017) e em seguida pela editora da FFLCH com o título *Epistemologia Discursiva. A Semiologia de Saussure e a Semiótica de Greimas como terceira via do conhecimento* (2020), edição disponível *on line* no portal de livros abertos da Usp:

<https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/522>.

É esta a minha maneira de seguir, régua e compasso, a navegação de Hjelmslev, na direção que ele indicava desde o começo de suas intervenções no campo:

Como não se pode conhecer a substância a não ser por meio da forma, e como a forma languageira [*sprogformen*] é a única forma objetivamente dada, o método linguístico é o único a permitir um conhecimento objetivo da substância. Disso decorre que a ontologia deve ser construída de maneira empírica e imanente. É apenas por esse caminho que a ciência por inteiro pode ser construída de maneira empírica e imanente (Hjelmslev *apud* Brandt 2013, p. 205)⁴.

Ora, entender o mundo, a realidade, não como um *fato* ou *dado* a priori, como coisas “dadas por si próprias”, mas como *resultado* de um *constructo* languageiro (portanto mundo de formas imanentes à linguagem) será isso um delírio, voto piedoso ou utopia descabida de pobres e meras mentes humanistas que não entendem sobre a verdadeira realidade, que não se informam sobre as ciências “substancialistas”, físicas e químicas, que não entendem nada dos fantásticos últimos avanços das neurociências?

O pobre humanista não tem outro recurso senão procurar em seu socorro algumas formulações entre os próprios cientistas dessas áreas exatas. Dentro de uma episteme científica, massivamente materialista e naturalista no geral, elas são raras, mas alvissareiras. São formigas teimosas ousando passar por entre as patas dos elefantes, pesados no seu conforto realista.

Por exemplo, já na década dos anos 1940, o grande filósofo e epistemólogo das ciências físicas, Gaston Bachelard, na abertura de seu *Rationalisme appliqué* (1942, p. 102-103)

4 O pequeno texto, traduzido diretamente do dinamarquês para o francês por Brandt tem data de 1937.

afirma que as ciências contemporâneas acabaram por inaugurar domínios de pensamento “que rompem claramente com o conhecimento comum”. Para o epistemólogo, elas estabeleceram uma “verdadeira ruptura entre o conhecimento comum e o conhecimento científico”. Doravante, para a nova ciência, continua ele, o que conta é o “caráter indireto das determinações do real científico”. E nos brinda com o exemplo da pesagem dos isótopos nas aparelhagens do espectrógrafo de massa, pesagem que, segundo ele, nada tem a ver com pesar o sal, isto é, que não apresenta nenhuma “significação direta” na vida comum, como a de uma balança que pese o sal. Noutros termos a pesagem científica é uma “técnica indireta de construção do objeto a examinar”. Isso o leva além, a dizer que a ciência nada mais faz do que criar uma “fenomenotécnica”. A sequência da reflexão nos deixa em sobressalto, pela coerência: “no que diz respeito ao espectrógrafo de massa, estamos em plena *epistemologia discursiva*. Um longo circuito na ciência teórica é necessário para compreender disso os dados”.

Epistemologia discursiva, expressão formidável, irrompe subitamente de um só fôlego e numa única vez em todas as publicações do filósofo-epistemólogo (salvo insuficiência de minhas leituras). A conclusão do seu raciocínio não tarda. Exprime-se, como sempre em seus escritos, no estilo de uma profundidade simples e arguta: “de fato, os *dados* são aqui *resultados*” (Bachelard, 1942, p. 103).

Essas formulações, fortes e impactantes, prestam socorro ao humanista : investir numa epistemologia discursiva, na nova ordem da ciência contemporânea, significa assumir que não existem dados, já dados, na natureza. Apenas resultados existem e resistem, criados e operados pelo discurso (científico, no exemplo mencionado). Mais que isso, as formulações enérgicas do filósofo, se levadas ao limite da sua coerência, autorizam

uma pequena correção a ele próprio: por que diabo de razão pesar o sal numa balança teria uma “significação direta” na vida do conhecimento comum? Ora, a significação do sal pesado numa balança, por meio de uma agulha que percorre uma graduação num aparelho de medida, não está de modo algum inscrita no *real* da coisa. Tal significação é *tão indireta* quanto o foi a medição do espectógrafo de massa dos isótopos. A significação do sal pesado na balança é igualmente *construída*, tal como a da física contemporânea. Ela também não é um *dado*, mas um *resultado*, apenas resultado ou constructo de um discurso mais antigo, dos primeiros passos da ciência, o qual o conhecimento comum incorporou e se tornou acostumado por convenções linguageiras criadas à sua época.

Em meu entendimento, é exatamente isso que Saussure propõe quando diz que o signo, sem o qual tudo não passa da nebulosa amorfa do pensamento, portanto, na verdade, *cria* a realidade tal como nos é dada conceber, imanente pois aos discursos; ou quando Benveniste assegura que “a realidade é produzida de novo por intermédio da linguagem” (1966, p. 25)⁵.

Se formulações de um filósofo das ciências ou de linguistas são insuficientes, tomemos emprestadas reflexões de um puro e renomado biólogo: “o real não fala”, postula Antoine Danchin (retomo adiante). A frase assusta René Thom, matemático, medalha Fields, fundador da Teoria das Catástrofes, que contraargumenta atribuindo-lhe o qualificativo – senão irônico e depreciativo, ao menos muito atenuador – de uma “preocupação catártica louvável” (1990, p. 482-483). O renomado matemático teme que, assim entendido, os fenômenos não teriam sentido algum, tudo seria mergulhado numa “insignificância generalizada”, numa total

5 Embora seja bem mais frágil e hesitante a posição de Benveniste frente à de Saussure, pois a expressão “de novo” (*à nouveau*) cai na armadilha (sem solução) de uma “primeira” ou “anterior” realidade, ou seja, cede ao substancialismo hipostasiado, “positivista”, na expressão acima citada de Greimas.

“platitude”. Segundo seu temor, isso retiraria da ciência sua função “pragmática”, de “satisfazer uma necessidade humana”, como “fonte de sentido”.

Ora, a queixa de Thom é frágil e seu medo injustificável. Não se trata de modo algum de tudo estar mergulhado num caos insignificante. Trata-se, justo ao contrário, de entender, na profissão de fé de Danchin, que o real não fala *por si mesmo*, que algo o *faz falar*. Esse algo é, segundo a tese que venho defendendo, a maquinaria fantástica da linguagem, que se presentificou no mundo, sob as múltiplas formas em que se construiu em discursos, desde os mais ingênuos e vulgares – o “conhecimento comum” de Bachelard – até aqueles mais sofisticados das ciências, os mais argutos em filosofias ou aqueles outros mais sublimes das poesias, tudo isso desde a aurora das cogitações humanas. A *presença* da linguagem no mundo, desde quando, é a única aporia, único “mistério” – a continuarmos na isotopia religiosa – que resta na hipótese de uma epistemologia discursiva. Mas sua *ação* e *coerção* em todas as esferas do conhecimento é perfeitamente atestável e descritível em todas as suas estruturações e estratégias enunciativas. Portanto, muito longe de o real estar mergulhado numa insignificância generalizada, temor de Thom, a tese do biólogo Danchin oferece caminho para o sopro do sentido ao real. Se ele não fala por si próprio, a linguagem o *faz falar*, e o mundo ganha sentido.

Uma epistemologia discursiva depara-se e precisa enfrentar grandes obstáculos, desde o berço helênico da civilização ocidental. O medo de Thom está generalizado em toda a filosofia que se debruça sobre a linguagem. Claudine Tiercelin, filósofa do *Collège de France*, nas primeiras páginas de suas reflexões sobre “Em que medida a linguagem pode ser natural?” detém um parágrafo que bem o revela:

Se o mundo nada é fora de nossos esquemas conceituais e linguísticos, não está ele “perdido”? Se o mundo existe apenas relativamente a nossas interpretações, será ele algo mais que seu espelho? A filosofia não se reduziria, em definitivo, a uma tarefa mais ou menos infinita de interpretações, de comentários e de repetições: palavras sob palavras? (Tiercelin, 2002, p. 19).

Citar essa autora vem bem ao caso aqui para ilustrar o que vejo como um grande incômodo perante o modo como a semiótica ainda não entrou num debate robusto com a *Magna Philosophia*, tal como vem ocorrendo com a filosofia analítica e demais filosofias cognitivistas da mente e da linguagem. Todas elas, a partir do século XX, tomaram a linguagem, como o atesta essa filósofa, “no centro das reflexões filosóficas” (Tiercelin, 2002, p. 19). Mas em suas referências de linguagem os verdadeiros “teóricos da linguagem” – como se expressa Hjelmslev, ao se demarcar da filosofia (retorno a isto adiante) – não são bem ouvidos, e são os filósofos que detêm o unísono das vozes.

Ora, há uma distância descomunal entre o modo das reflexões filosóficas e suas ilações cognitivas, ainda que profundas, sobre a linguagem, e as proposições teórico-descritivas de um Saussure ou um Hjelmslev. Para dizê-lo de forma sincopada, talvez injusta em certos casos mais localizados, a episteme estruturalista não conseguiu adentrar a filosofia, a não ser para ser “desconstruída”, senão mesmo destituída.

É certo que a teoria semiótica, no anseio de ampliar suas reflexões para a dimensão *sensível* do discurso – como a pagar uma dívida e preencher uma das *caixas pretas* de que se queixava Greimas em Cerisy – foi buscar recurso no campo da fenomenologia merleau-pontyana, recurso à percepção, ao corpo-próprio, à carne-viva. Porém, para tal, não carregou a bandeira da imanência, a bandeira da forma, a bandeira da prevalência da linguagem

na própria concepção do mundo: “a língua/linguagem (*Sprog*) é a forma mediante a qual concebemos o mundo” (Hjelmslev, 1971, p. 184). Ao contrário, cedeu o passo a uma imicção da substância do corpo, de conceitos psicológicos (exterocepção, interocepção, propriocepção); subordinou-se à primazia da percepção como doadora do sentido.

Por sua vez, há algo de ainda mais contundente no raciocínio de Danchin, em sua conferência pronunciada para o Centre International de Synthèse em 07.02.1990:

Com efeito, creio que o real não fala. Isso é um ponto suficientemente essencial a indicar que não temos outra coisa a fazer senão adivinhações (*devinettes*) sobre o real e, como o dizia Xenófanos há dois mil e quinhentos anos, adivinhações porque, mesmo se por acaso tropeçássemos sobre a verdade, não o poderíamos saber (Danchin, 1990).

Esta última «profissão de fé» do biólogo, acoplada às anteriores – não há dados, só resultados, de Bachelard; o mundo como linguagem, de Greimas; o estatuto radicalmente imanente da realidade para Hjelmslev, contra o realismo ingênuo; a ostensiva negação de Saussure sobre as coisas “dadas por si próprias” – tudo isso parece bem tornar legítima a hipótese de que *não há sentido no real*. Não há sentido que emane diretamente do real, que não venha integralmente criado pela ação e coação da linguagem, isto é, pela soma das discursividades languageiras acionadas em discursos vários, científicos ou não. Nessa visão – ou profissão de fé – a linguagem cria o mundo *à sua imagem e estrutura*. A linguagem humana impõe sentido ao real, ou antes, impõe o próprio real tal como faz sentido continuamente ao homem e às suas cogitações, científicas, filosóficas, poéticas e cidadãs. Só vemos o mundo *obliquamente*.⁶

6 O advérbio, formidável, é emprestado de Saussure, embora em contexto mais localizado (2002, p. 75).

Além do mais, deduz-se do argumento de Danchin, na verdade desde Xénophane, que não haverá *verdade absoluta* para nenhuma “adivinhação” discursiva pela qual provocamos o real a falar. Aqui o seu melhor benefício para o homem e seu mundo. Com isso evita-se o cruel e massivo positivismo monista recôndito das ciências exatas e neurociências ; põe-se em suspeição a exclusividade das *causalidades ascendentes* pelas quais as neurociências em geral pretendem uma demiurgia neuronal triunfante, de um punhado ainda que bilionário de neurônios a *criar* – termo de uso farto na literatura neurocientífica – toda nossa apercepção, percepção, cognição, consciência, emoção, sentimentos e *tutti quanti*⁷. Enfim, evita-se com isso, todo o tipo de certezas, decorrentes de um apriorismo do real independente da maquinaria languageira, certezas de tal modo prestigiadas pelas grandes editoras e revistas, que logo serão sequestradas pelos pragmatismos que assolam as políticas sanitárias – o império farmacológico para os infortúnios psíquicos do indivíduo – pelos pragmatismos que assolam as ideologias – os impérios políticos e governamentais do mundo, a provocar os infortúnios existenciais do indivíduo, a inflar a dor do mundo.

Ora, impor um sentido a esse mundo, fazer falar o real é nada mais nada menos do que *semiotizá-lo*, isto é, construir-lhe uma *existência semiótica*. E toda teoria que tente explicar tal semiotização, isto é, a construção do sentido do real, tem de se curvar a *princípios semiológicos*.

7 Eis alguns títulos: A. Damasio: *Self comes to Mind: Constructing the conscious Brain*. Sua tradução para o português resultou no título: *E o cérebro criou o homem* (2010); M. Nicolelis: *O verdadeiro criador de tudo. Como o cérebro humano esculpiu o universo como nós o conhecemos* (2020); V. Ramachandran: *Le cerveau fait de l'esprit. Enquête sur les neurones miroirs* (2011); F. Varela: *Le cercle créateur* (2017). Em congresso de Toronto em 2018, comuniquei um texto apontando mais longamente tais pretensões demiúrgicas (Bevidas, 2018, 2022).

Princípios semiológicos de uma teoria do sentido chamada semiótica

O neologismo “semiológico” foi invenção arguta e feliz de Claude Zilberberg “em homenagem a Hjelmslev”, diz ele, em seu primeiro livro de porte, *Ensaio sobre as modalidades tensivas* (1981, p. 3 e 29). Utilizado uma só vez mais em *Razão e Poética do Sentido* (2006, p. 33), o neologismo nos obriga ainda a segurar um pouco nas mãos a isotopia religiosa. Com efeito, Zilberberg o inventou tendo por horizonte de inspiração as *virtudes teológicas* da Igreja Católica – fé, esperança e caridade –, virtudes inquebrantáveis enquanto tais, dentro desse universo de discurso religioso. O neologismo é precioso por várias razões. Além desse elã de inviolabilidade que atesta a princípios fundacionais da linguagem – para que algo tenha estatuto de linguagem, e nos brindar com o “sentido do sentido” –, o termo semiológico permite neutralizar diferenças idiossincráticas entre semiologias e semióticas. Vale para qualquer teoria que preserve tais princípios semiológicos. Não se trata de indefiníveis, categorias válidas para não importa qual domínio; são delimitáveis e perfeitamente definíveis. São eles, compostos a partir de Saussure, via Hjelmslev e Greimas:

1. Uma língua/linguagem se define por dois planos, um plano do conteúdo e um plano da expressão, em solidariedade mútua ;
2. Cada plano se divide em tripartições : forma, substância e *purport* (sentido, matéria, assunto, propósito);
3. Entre os dois planos e entre as três grandezas de cada plano a relação é radicalmente arbitrária, isto é, arbitrária em sua raiz (podendo abrigar motivações internas em cada plano);

4. As formas determinam as substâncias. Não há substância que não receba da forma o aval de uma “existência científica” nos termos de Hjelmslev, ou “existência semiótica”, naqueles de Greimas;
5. Há uma função semiótica (signológica, sígnica, não importa tanto o nome) entre os dois planos da linguagem, mais precisamente, entre as duas formas, da expressão e do conteúdo, função que institui o signo como tal e caracteriza a língua/linguagem como Instituição “SEM ANÁLOGO”, escreve em caixa alta Saussure (2002, p. 211) ;
6. O signo, produzido na função semiótica cria seu referente, portanto interno, imanente à linguagem, como único objeto a estar disponível à observação, à experimentação, à percepção, enfim a qualquer ação gnoseológica, isto é, como realidade possível.
7. Esse referente imanente atesta uma “existência semiótica”, e não há outra, única grandeza a estar à disposição para *fazer falar* o real, dar sentido ao real, em qualquer discurso (da ciência, da filosofia, da arte, etc).⁸

Os princípios semiológicos constituem o *λογός* (*logos*) do sentido, termo aqui tomado não nas suas oposições subalternas *logos vs. phusis*; *logos vs. pathos*; *logos vs. muthos*, oposições secundárias, embora milenares, que remanescem desde sempre. Ao contrário, é aqui tomado no sentido mais amplo e global: *logos* do sentido quer dizer aquilo que *define* a certidão de nascimento ou cédula de identidade do sentido como sentido, aquilo

8 Para concluir o uso isotópico da metáfora religiosa, esse número 7 não é cabalístico. Seriam a contrapartida dos 7 “pecados capitais” que se cometeriam caso não observadas as sete virtudes semiológicas de uma linguagem. Por certo, incluem-se na lista semiológica as questões do valor, da diferença, da tensividade, do estatuto narratológico do imaginário linguageiro, dentre outros conceitos igualmente fundamentais numa definição mais completa de linguagem.

que *caracteriza* o sentido como tal. São os princípios semiológicos os únicos cuja observância podem selar e consignar de *sêmio* alguma teoria. Eles respondem à boa pergunta de Sémir Badir, em congresso recente organizado por ele: “Do que *semio* é nome”, não importa se a pergunta esteve dirigida aos SIC (sistemas informacionais e computacionais)⁹.

Noutros termos, tais princípios seriam a *conditio sine qua non* para que uma teoria possa ser considerada *sêmio*. De modo que isso propicia a retomar aqui uma reflexão enérgica e ousada de Hjelmslev, quase temerária. Ela se dá num texto deveras importante, por suas posições imanentes, intitulado “A estrutura morfológica”, escrito originalmente em 1939 para o V Congresso Internacional dos linguistas, em sessão que não pôde ocorrer, face à 2ª Grande Guerra mundial (1991, p. 129-155). O alvo fora denunciar as soluções filosóficas que adotam o método apriórico, no estabelecimento de um “quadro de categorias constante e eterno” – referindo-se a Wundt e a um “racionalismo metafísico” de sua época. Em seu entendimento, o que caracteriza as categorias da língua é justamente serem constituídas de fatos “ao mesmo tempo gerais e aposterióricos, ao mesmo tempo abstratos e objetivos” (p. 145). Entre o método apriórico, que Hjelmslev rejeita, e o método empírico, que adota, não há conciliação. E antecipa: “Para avaliar uma teoria em relação à distinção entre o apriorismo e o empirismo, não se trata de dosar a parte exata de cada um desses dois métodos; trata-se de responder sim ou não” (p. 139). Trazida a reflexão ao nosso contexto e emprestada a mesma atitude do linguista, estamos diante da questão de responder se «sim ou não» uma teoria possa portar a marca *sêmio*.

9 Seminário “De quoi *sêmio* est-il le nom. L'apport des SIC à la sémiotique” ocorrido de 13 a 15.09.2023 em Liège (Bélgica).

Do que “sêmio” é nome ?

Semiótica é nome que ganhou livre circulação ao redor do mundo acadêmico e, mais recentemente, midiático. Como qualquer ser do mundo, uma vez nascido, nada pode prever seu paradeiro, suas andanças, suas confabulações, conversações, suas conotações, suas reverberações e irradiações. Sem uma definição precisa, o nome semiótica navega entre polifonias e polissemias, alvissareiras umas, preocupantes outras. Na boca do “conhecimento comum” (Bachelard) recebe ares de algo difícil, profundo, ao mesmo tempo que ares de algo ardiloso, temerário¹⁰. Noutros termos, seu raio de abrangência tem o palmo da imprecisão de sua definição.

Nessa polivalência, interessa-nos apenas, nos limites deste artigo, verificar algumas decorrências da hipótese semiológica, acima, no âmbito acadêmico. Mais precisamente, no âmbito acadêmico e teórico que se julga diretamente inserido no domínio chamado da semiótica narrativa greimasiana. Não há como evitar de dizer que, caso sustentável a hipótese semiológica, teorias renomadas, que se intitulam sêmio, dificilmente fariam jus pleno ao nome. Não nos interessando aqui a exaustividade mas a exemplaridade, vamos nos limitar apenas a algumas delas, as mais próximas e importantes desse pequeno universo semiótico. Advirta-se, no entanto, e antecipadamente, que nada do que os comentários abaixo dirão implica questionar o imenso valor científico, heurístico, descritivo e analítico dessas teorias. Apenas, à luz dos princípios semiológicos não lhes caberia a marca sêmio.

10 Numa entrevista recente em *blog*, um renomado neurólogo brasileiro, ao comentar a dificuldade de aceitação da vacina contra a covid-19 pelas massas, diz que isso se devia a uma atuação “semiótica”, fazendo entender por isso uma manipulação sorrateira da política governamental de então (Bolsonaro). No fundo, ele não está errado, mas o efeito de sentido que se imprime no “conhecimento comum” da cabeça dos homens é devastador. E nas salas de aula temos a tarefa infinda de nuançar as coisas, o tempo todo.

As decorrências da hipótese semiológica tem até mesmo ares de contrassenso. Mas os princípios semiológicos não estão contemplados numa teoria *semiofísica* (R. Thom, J. Petitot). A darmos crédito à profissão de fé de Danchin, de que o mundo físico não fala, “semiofísica” é expressão antinômica. Se as formas intrínsecas do real – da matéria física à matéria biológica – são geradas morfogeneticamente no interior da substância, como autopoiesis, não há observância do princípio 4 acima, da prioridade e determinação da forma por sobre a substância. Não há também aí espaço para qualquer arbitrariedade (princípio 3). Salvo equívoco, a morfologia da planta de Goethe não permite espaço para algum passo “arbitrário” nas sucessivas morfogêneses de sua constituição. Pela hipótese semiológica não há como defender a natureza do sentido como proveniente e gerada numa ontologia substancial.

De igual modo, não se ajusta com o nome sêmio a teoria *semio genética* do grupo Mu – anagênese/catagênese e demais conceitos (2015) – pois que se submete ao mesmo substancialismo da teoria anterior e regride a origem do sentido aos “vermes da terra”. Também não cabe no nome sêmio a *fenomenologia linguística*, com que Coquet define sua teoria, haja vista a prioridade e anterioridade que atesta à *phusis* frente ao *logos* (2007); haja vista sua rejeição obstinada do formalismo hjelmsleviano, entendido idiossincraticamente como exclusão da substância. E toda outra teoria que segue-a de perto, a psicosemiótica ou etnosemiótica de I. Darrault, por exemplo, igualmente fica fora do nome sêmio, não obstante possa fazer uso até mesmo farto dos conceitos greimasianos de narratividade para sua condução.

Também a *fenomenologia merleau-pontiana* escaparia dos protocolos semiológicos, por advogar uma “primazia da percepção” frente à linguagem; por conceder à percepção o imenso encargo e uma colossal competência – advinda de onde? –

de ser doadora de sentido ao mundo; por ter a percepção a faculdade – advinda de onde? – “categorizante”, em região pré-linguagem, ante-predicativa; por introduzir a substância (do corpo-próprio, da carne) como na base de suas operações. Assim vista, não há congruência com os princípios semiológicos. É assim que entendo as posições da semiótica tensiva de Zilberberg – teoria semiológica por excelência – quando assevera “a *divergência intransponível* entre a semiótica e a fenomenologia, frequentemente coniventes. A posição da fenomenologia enquadra-se naquilo que Hjelmslev chama de ‘realismo ingênuo’” (2011, p. 2):

As circunstâncias fizeram com que a semiótica estrutural e a fenomenologia fossem contemporâneas uma da outra e mais ou menos em concorrência uma com a outra quanto à elucidação do sentido (...). Se a fenomenologia crê na essência das coisas, a semiótica vê no objeto uma rede cujos componentes estão sujeitos à variação, tendo em conta a sintaxe intensiva ou extensiva exigida (2011, p. 19).

Ainda decorrente da ideia semiológica, acoplada à tese danchiniana da mudez do real, não caberia o nome sêmio nas várias tentativas recentes de estender a região do sentido a ontologias regionalizadas tais como à região vegetal (fitossemiótica), à região do ser vivo (biosemiótica) até mesmo ao mundo microcelular (mycosemiótica). É bem provável que logo surgirá o neologismo “neurosemiótica” às mãos dos neurocientistas para ser aplicado também ao universo neuronal. Do ponto de vista da hipótese semiológica todas essas vertentes trabalhariam sisficamente em antinomias.

Por sua vez, será legítimo estender o nome semio para explicar as interações gravitacionais interestelares? ou as interações radiculares das plantas no terreno que partilham? Será

legítimo entender como semio as interações químicas existentes na matéria? As nervuras de um mármore observam protocolos semiológicos?

A questão de uma zoosemiótica é bem mais complicada. O exemplo paradigmático do cão de Pavlov, que saliva ao toque da sineta, atesta sim um ato sêmio : um plano da expressão (a sineta) inteiramente arbitrário por relação ao plano do conteúdo (o pedaço de carne). Pavlov poderia ter escolhido qualquer outro significativo. O cão “ensinado” – não nos esqueçamos da etimologia do termo, que envolve a ideia de marcar com um signo – produz efetivamente um ato semiológico arbitrário. Mas será que o mesmo poderá ser dito do carrapato de Uexkull que tomba no lombo do boi pelo “sinal” do calor? Será legítimo, a partir disso, propalar que haja aí um *protótipo de significação*, a permitir pouco a pouco, em sucessivas aproximações e generalizações, ecologistas, como Lestel, a propor *As origens animais da cultura* (2001)?

Enfim, talvez não seja contrassenso temerário entender que todas as teorias que tentem naturalizar o sentido (e a mente humana que nele se constrói), ao não respeitar o *logos* do sentido, em seus princípios semiológicos, partem de uma “adivinhação” (cf. Danchin acima) que confere ao real (substancial) a façanha de responder *de dentro* da substância do mundo, como morfogênese ou autopoiesis, a origem do sentido. Talvez não seja temerário dizer que tangenciam “erros de categoria” (cf. Queré, 2001, p. 275-292).

Apologia do corpo/carne

O corpo/carne veio entrar com força na semiótica há uma boa trintena de anos. *Semiótica das paixões* (1991) abriu caminho, caminho excitante. Permitiu pouco a pouco dar livre curso a uma

verdadeira apologia do corpo, como se a semiótica formalista imanente recusasse definitivamente de acolher “verdadeiros corpos”, “verdadeiros mundos”, “verdadeiros psiquismos”, expressões que se podem verificar em textos recentes. Danchin e Anaximandro ficariam assustados com o adjetivo.

Nessa cruzada em busca do corpo, supostamente abandonado pela semiótica imanente, vários textos de semioticistas apoiam-se sobre a extrema sensibilidade de poetas de literatos – Proust figurando à proa – para desenharem a fina-flor da substância de um corpo-carne. Ora, por decorrência dos raciocínios imanentes e semiológicos acima, não há “verdadeiro” corpo em Proust nem em quaisquer literatos ou poetas, sejam eles maiores ou menores. O que nos apresentam é uma sutil engenhosidade em signos usados, em intrigas argutas, em sintaxes singulares e admiráveis de suas obras. Não há corpo-próprio, corpo-carne em enunciações de não importa qual texto, seja ele literário ou não. O que seria efetivamente um corpo que recebe atenção apológica, romântica, quase cultural, como se, falando muito do corpo estivéssemos mais perto dele, colados à sua essência carnal? Por que razão não se incluem nas análises os excrementos do corpo, a bile, as exsudações odorantes do suor, as bactérias, os parasitas? Não fazem parte do corpo-carne?

Como e por que conseguimos contornar os riscos do derrisório que paira nisso? Resposta: simplesmente porque o corpo-próprio, corpo-carne, como toda grandeza linguageira é um conceito discursivamente construído sem nenhuma diferença em relação às outras grandezas criadas em linguagem. Faríamos bem, então, em contrabalançar a apologia do corpo com uma apologia da forma.

Apologia da forma

Prendamos a besta pelos chifres, isto é, a língua em seu empirismo o mais concreto. Em todo ato semiológico do falante,

o som se detém às portas da orelha, se dissolve e se transmuta em outra substancialidade, desta feita, eletro-química, a única que chegará até os neurônios. Noutros termos, nada de substância sonora se conserva. A fonética e fonologia substancialistas deixam de existir. Só a fonologia, considerada como “forma da expressão”, isto é, formas distintivas, fonemáticas, instruídas a seu modo pelas diferentes línguas¹¹. Aqui, como em todas as questões similares, Copenhague vence Praga e todas as reivindicações substancialistas.

Por sua vez, não é a percepção, por si mesma, que determina até onde vai o limiar de abrangência de um fonema por relação a um outro, por exemplo, de um B perante um P, e de igual forma, para todos os fonemas de uma língua. De onde a percepção, por si mesma, sacaria a expertise dessas categorizações e de seus limiares senão do fato de que ela é constantemente *instruída* pelas línguas, cada uma com suas singularidades fonemáticas e arquifonemáticas? É a língua que gerencia os limiares e demarcações à direita ou à esquerda do vozeamento, das oclusões, das fricções e demais modos de fonação, a reter, dentro do vasto campo contínuo das sonoridades, apenas as suas *formas* pertinentes. O significante é incorporal, dizia judiciosamente Saussure. A linguagem instrui a percepção a distribuir os fonemas em vozeados e não vozeados, mesmo quando cochichamos ao pé do ouvido, quer dizer, sem a materialidade vozeada dos fonemas, ou quando refletimos na cogitação silenciosa de uma noite de insônia. Aqui, a estrutura saussuriana e hjelmsleviana prevalece sobre as propriedades perceptivas da fenomenologia merleauPontiana. Aqui, como em todas as questões similares, a semiologia vence a fenomenologia e todas as reivindicações perceptuais que se fazem dela.

11 Retomarei adiante a difícil questão da implementação dessas formas e seus semantismos nos neurônios.

É preciso retomar: o som para às portas da orelha. A substância fônica desaparece. Resta apenas a forma da expressão, retida com as formas do conteúdo, no nível do morfema, da frase e do discurso. É pois a *função semiótica* que terá de ser assumida pelas atividades neuronais do cérebro na implementação semântica que aí se dará, operação que, até hoje, ao que saiba, não foi levada em conta por estudos neurocientíficos *desse ponto de vista*. Com essas instruções languageiras desenha-se uma *causalidade descendente*, até hoje não tida com algum acolhimento e atenção que merece por esses estudos.

Em todo caso, o sentido a ser implementado nos neurônios, seja qual for sua tipologia e repartição na caixa craniana (neurônios-espelho, neurônios cognitivos, emocionais, neurônios da leitura, até mesmo neurônios da vovó são convocados para explicar as remotas memórias de nossa infância) recebe das linguagens a sua instrução.

Tudo se passa como se a linguagem falasse numa assembleia dos neurônios:

Senhores, esses sons que entram substancialmente pelas orelhas devem ser tidos formalmente como fonemas, formalmente arranjados em lexemas, formalmente combinados em sintaxe e formalmente contados como narração coerente, o todo segundo as regras que vos dou, diferentemente em cada língua natural. E, transmutado pelas novas substâncias eletroquímicas cerebrais, é desse modo que tudo isso será implementado como “propósitos” (*purport*, nos termos de Hjelmslev), a cada vez de maneira singular, propósitos que finalmente irão servir de comunicação entre os homens.

A linguagem continua: “mais vocês dominem essas instruções que lhes dou, melhor essa operação semântica produzirá eficácia na comunicação”.

Façamos pequeno intervalo e escutemos as palavras do neto do grande poeta Esaias Tegnér, citadas por Hjelmslev:

E se as ondas sonoras tomarem a forma das palavras *pátria, liberdade, honra*, e no momento oportuno atingirem nossos ouvidos, as ondas sonoras podem crescer até formar uma tempestade que mandará tronos pelos ares e mudará o destino de nações... se as ondas sonoras passarem dos lábios do mestre para os ouvidos do discípulo, mesmo num vago sussurro, poderão ressoar através dos continentes como um rugido cada vez maior... e mudar os pensamentos e a vida de milhões de pessoas para direções até então desconhecidas (Tegnér, 1880 *in Le pouvoir du langage sur la pensée* – apud Hjelmslev 1971, p. 103).

E a linguagem assim conclui:

E todos os outros estímulos ou fenômenos substanciais que penetram a vista, entre cores e imagens, que tocam às mãos, entre o macio e o áspero, que penetram as narinas, em perfumes e odores, que tocam à língua, em sabores vários, todos devem igualmente receber o mesmo tratamento em regras linguageiras. É assim que farão sentido aos homens e darão sentido ao mundo. Portanto, ao trabalho!

Seja como for, frente ao tipo de hipótese semiológica, apresentada aqui como epistemologicamente radical, penso que os neurocientistas fariam bem em inserir em suas planilhas de estudos laboratoriais, ao lado dos vetores de *causalidade ascendente*, costumeiros em suas descrições, este novo vetor, de *instrução descendente* das leis da linguagem que induzem a implementação

semântica dos propósitos de sentido nos neurônios. Talvez possamos obter uma explicação mais convincente do modo como uma mente semiológica possa habitar e investir semanticamente um cérebro neuronal, ou, mais grandiosamente: como um espírito possa *se formar* num cérebro.

Ao que as coisas indicam, trata-se de uma hipótese menos demiúrgica do que a de determinar, em causalidade ascendente, que a armada de milhões de minúsculas células “estúpidas”, os neurônios, responde pela criação do mundo humano, da consciência, da linguagem e tudo o mais, sempre com o risco que assombra, o de repetir e recair, com os neurônios (espelho, da emoção, da leitura, da vovó), a considerar a legião dos neurônios como nova geração dos “homúnculos” dos primeiros movimentos da psicologia experimental. Segundo a hipótese semiológica, a ação da linguagem sobre a matéria neuronal, enquanto *indução descendente*, poderia abrir para o domínio neurocientífico um inusitado e não negligenciável programa de pesquisas.

E, no final das contas, uma teoria semiótica imanente, saída das novidades epistemológicas do pensamento de Saussure, aprimorada por Hjelmslev e estabelecida por Greimas e poucos continuadores seus, nesse prumo, teria um lugar menos tímido e desdenhado tal como parece ter hoje. Assim, a semiótica imanente, estruturalmente formal, não seria mais considerada como “leito de Procusto” ou como “estruturalismo esquelético”, ultrapassado, aos olhos de certos pesquisadores: “ademais, aquele que sabe esperar não tem necessidade de fazer concessões”, assim Freud termina sua reflexão, acima citada (1921, p. 2577).

Referências

BACHELARD, Gaston. **Le rationalisme appliqué**. 3. éd. Paris: PUF, 1966. Coll. Bibliothèque de philosophie contemporaine (édition électronique réalisée par Alfred Kastler).

BADIR, Sémir. Sémiotique et langage. Une présentation historico-épistémologique. In: NORMAND, Claudine; SOFIA, Estanislao (dir.). **Espaces théoriques du langage**. Des parallèles flous. Louvain-La-Neuve: Academia, 2012. p. 279-299.

BEIVIDAS, Waldir. A linguagem faz o cérebro. Mente semiológica em cérebro neuronal. **CASA – Cadernos de Semiótica Aplicada**, v. 15, n. 2, 2022.

BEIVIDAS, Waldir. La nature du sens: neuroception, perception ou sémioception? **Semiotica. Journal of the International Association for Semiotic Studies / Revue de l'Association Internationale de Sémiotique**, issue 234, p. 45-58, 2020.

BEIVIDAS, Waldir. **La sémiologie de Saussure et la sémiotique de Greimas comme épistémologie discursive**: une troisième voie pour la connaissance. Limoges: Lambert-Lucas, 2017a.

BEIVIDAS, Waldir. Zoosémiotique et anthroposémiotique: une rupture abyssale. In: MARRONE, Gianfranco. **Zoosemiotica 2.0**. Forme e politiche dell'animalità. Palermo: Museo Pasqualino, 2017b. p. 237-246

BENVENISTE, Émile. **Problèmes de linguistique générale I**. Paris: Gallimard, 1966. Coll. Tel.

BRANDT, Per-Aage. Analytique, sémiotique et ontologie dans le projet glossématique. **Janus – Quaderni del Circolo Glossematico**, II/12, p. 191-205, 2013.

COQUET, Jean-Claude. **Phusis et Logos**. Une phénoménologie du langage. Saint Denis: PUV, 2007.

DAMASIO, Antonio. **Self comes to mind**: constructing the conscious brain. New York: Pantheon & Random House, 2010.

DANCHIN, Antoine. L'aurore des pierres. **Conférence du Centre International de Synthèse**, Collège de France, 7 févr. 1990. Disponible em: <https://www.normalesup.org/~adanchin/origine/revue-de-synthese.html>.

EDELIN, Francis ; KLINKENBERG, Jean-Marie. **Principia semiotica**. Aux sources du sens. Bruxelles: Les Impressions Nouvelles, 2015.

FREUD, Sigmund. **Freud e Jung**. Correspondência completa. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, Sigmund. Psicología de las masas y análisis del yo. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**, tomo III. Madrid: Ballesteros, 1921. p.2563-2610.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Du sens**. Paris: Seuil, 1970.

GREIMAS, Algirdas Julien. Conversation. **Versus**. Quaderni di studi semiotici, Milano, Bompiani, n. 43, p. 41-57, 1986.

GREIMAS, Algirdas Julien. Mis à la question. In: ARRIVE, Michel ; Jean-Claude (éd.). **Sémio tique en jeu**. Paris ; Amsterdam ; Philadelphia: Hadès-Benjamins, 1987. p. 301-30.

HJELMSLEV, Louis. **Ensaio Linguísticos**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

HJELMSLEV, Louis. **Nouveaux essais**. Paris: PUF, 1985.

LESTEL, Dominique. **Les origines animales de la culture**. Paris: Flammarion, 2001.

NICOLELIS, Miguel. **O verdadeiro criador de tudo**. Como o cérebro humano esculpiu o universo como nós o conhecemos. São Paulo: Planeta, 2020.

QUÉRÉ Louis. Naturaliser le sens: une erreur de catégorie? **La Découverte - Revue du MAUSS**, n. 17, p. 275-292, 2001.

RAMACHANDRAN, Vilayanur. **Le cerveau fait de l'esprit**. Enquête sur les neurones miroirs. Paris: Dunod, 2011.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Cours de linguistique générale**, édition critique par Tulio di Mauro. Paris: Payot, 2005.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Écrits de linguistique générale** [par S. Bouquet et R. Engler]. Paris: Gallimard, 2002.

TIERCELIN, Claudine. Dans quelle mesure le langage peut-il être naturel? (Condillac, Reid). In: **Condillac, l'origine du langage**. Paris: PUF, 2002. p. 19-56. Coll. Débats Philosophiques.

THOM, René. **Apologie du logos**. Paris: Hachette, 1990.

VARELA, Francesco. **Le cercle créateur** (Écrits 1976-2001). Paris: Seuil, 2017.

ZILBERBERG, Claude. **Razão e poetica do sentido**. São Paulo: Edusp, 2006.

ZILBERBERG, Claude. Des modes sémiotiques aux valeurs, **Signata** [on-line], 2 Sept. 2016. Disponível em: <http://journals.openedition.org>. Acesso em : 15 Mar. 2023.